



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11942 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

DIÁLOGOS ENTRE FORMAÇÃO DOCENTE, ARTE E ESTÉTICA: APRENDIZADOS POSSÍVEIS

Luciana Haddad Ferreira - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Renata Helena Pin Pucci - UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

DIÁLOGOS ENTRE FORMAÇÃO DOCENTE, ARTE E ESTÉTICA: APRENDIZADOS POSSÍVEIS

Num momento em que as políticas públicas do país expressam alinhamento com um projeto de educação tecnicista e gerencialista, vemos ser questionada a legitimidade da escola como espaço de formação integral e humanizadora. Temos testemunhado, nos últimos anos, a construção de um projeto de educação claramente marcado pelos interesses neoliberais, tendo a eficiência e alta performance como palavras de ordem, que devem ser professadas a despeito das dificuldades estruturais atualmente vivenciadas, das precárias condições de trabalho, dos contextos diversos, das relações e práticas cotidianas e das inúmeras subjetividades que permeiam o processo educativo.

Num contexto em que a qualidade é tomada por aquilo que se pode mensurar, comparar e ranquear em larga escala, os valores sociais e a referência local, temporal e cultural tendem a ser negligenciadas. Assim, junto ao interesse em estratégias de ensino cada vez mais padronizadas e centradas na preparação para o mercado de trabalho e as relações de consumo, vivenciamos também a desqualificação de atividades formativas por vezes consideradas pouco úteis por não apresentarem aplicação direta na moldagem de um indivíduo adaptado, pronto a corresponder e realizar seu papel como engrenagem desse sistema. Todas as formas expressivas do campo das artes – a dança, música, artes da cena e artes visuais (dentre outros campos de conhecimento como Filosofia, Sociologia e Educação Física) têm sobrevivido nos currículos escolares apenas por meio das lutas e protestos da comunidade docente e acadêmica, e permanecem constantemente ameaçados de extinção.

Entendendo que o compromisso da educação não é nem poderia ser alimentar as demandas provenientes do setor econômico, tensionamos o debate e questionamos tais leituras predominantes no cenário educacional. Reafirmamos o princípio defendido por Paulo Freire (1996) de educação como processo de *tornar-se gente* com, no e para o mundo, um processo de criação, apropriação e reelaboração de saberes que constituem, de forma dinâmica, o conjunto de práticas, usos e ideias historicamente produzidos pela humanidade. Educação, nestes moldes, faz referência à formação que possibilita pensar sobre a condição humana e sua relação – com os outros, com o meio – e impele a uma ação engajada, criticamente orientada e repleta de sentido. Uma formação que preza, como já defendia Freire (1992), pela convivência ética e experiência estética, se beneficiando do encontro com a diversidade, o entrecruzamento de culturas, histórias e memórias.

Entendendo ser esta uma leitura que caminha na contramão das políticas hegemônicas, buscamos aqui referências para pensar a formação docente, nosso principal tema de estudo, no que à primeira vista parece inútil (porque sem aplicação direta e imediata) e intangível (por não ser mensurável em escalas e métricas dadas a priori). Centramos interesse nas possíveis contribuições e ensinamentos da arte, do corpo e das experiências decorrentes de suas interações, para pensarmos a educação dos professores. Neste esteio, assumimos como principal objetivo discutir o papel da arte na formação docente, pelo viés da experiência.

O estudo, de natureza teórica, apoia-se nas contribuições de reflexões de Vigotski (2001; 2010), para quem a arte é uma forma muito particular e complexa de simbolização e expressão da produção cultural humana, que cumpre importante papel na mediação para o desenvolvimento das emoções. Podemos compreender, com base nas contribuições do autor, que a arte mobiliza reações que vão além do *pensar sobre as coisas*, pois provoca reações emocionais que nem sempre somos capazes de exprimir e que não fazem referência aos elementos técnicos combinados numa obra, separadamente, mas sim pela unidade estabelecida entre objeto artístico, a situação em que este se apresenta e as condições de recepção do indivíduo que a aprecia, num movimento que Vigotski (2001) defendia como um ato emocional e muito específico do pensamento.

Tendo as contribuições do autor como referência, propomo-nos a pensar a formação docente que se funda nos princípios da arte, sobretudo, defendendo o potencial criativo e transformador das experiências artísticas. Ao conhecer as formas ordenadas de simbolização de outros tempos e espaços, ao propor o diálogo entre produções visuais, sonoras, táteis ou multimodais, as professoras se conectam com valores estéticos próprios da arte, se reconhecem e ampliam a própria maneira de se ler, perceber e imaginar. Entendemos que a experiência que resulta do fazer, do conhecer e do refletir a partir das linguagens artísticas é potencialmente formadora, pois extrapola categorias e se funda no desenvolvimento de uma estética pessoal, na ampliação da consciência e da percepção, na apropriação de códigos de linguagens e técnicas que propiciam maior domínio criativo e expressivo.

Nesse contexto, a experiência estética se delineia como premissa de trabalho em

educação. Configura-se como experiência a situação vivida em caráter de excepcionalidade, não por seu ineditismo e nem por sua ampla dimensão, mas pela capacidade de arrebatador nossos sentidos, de orientar nossa atenção e de exigir uma ação, uma resposta, uma mudança diante do vivido. Essas experiências se conectam com nossas memórias afetivas, produzem um aprendizado que se generaliza e altera significativamente nosso modo de compreensão da realidade. Podemos chamá-las de estéticas justamente por trazerem a corporeidade, o saber pelos próprios sentidos e por clamar por uma ação sensível, atenta à intencionalidade dos nuances, ruídos, gestos, perfumes.

Sabendo que experiências estéticas não são vivenciadas exclusivamente em arte, mas que são potencializadas neste campo, cabe pensar os processos de formação docente a partir do saber e fazer artístico. Isso se dá quando olhamos além da obviedade das disciplinas e ousamos propor práticas interculturais, transdisciplinares que ressaltam muito mais que as “contribuições” da arte para a educação, mostrando dimensões constitutivas dos dois campos.

Um caminho se acena ao olharmos para as narrativas docentes, escritas ou orais, como formulações criativas, estéticas, poéticas e polissêmicas, que convidam os professores a transgredir e a ocupar espaços. Enxergamos características comumente atribuídas às manifestações artísticas nesse modo de escrita, quando a compreendemos como necessária não por sua utilidade prática, mas sim pelas emoções, imagens e histórias que mobilizam e fomentam. Ainda, são criadas a partir e em diálogo com a realidade, porém, sem ter a intenção de a ela corresponder, sem a pretensão de fiel retrato: narrar pressupõe colocar adorno às histórias, deixá-las palatáveis ou quase insuportáveis, explicitar a intriga e os encontros, fazer circular o que há de comum e, ao mesmo tempo, singular em cada episódio. Por fim, narrativas também são escritas ou ditas para serem levadas a público, são uma importante dimensão de conexão com o outro e de busca por pertença. É um texto que confere existência na apreciação e no modo como ganha novos sentidos e contornos ao ser lido, às outras memórias suscitadas.

Deste modo, a escrita narrativa pode se configurar como possibilidade de experiência estética e vivência artística para os docentes, seja no contexto da formação inicial, como continuada. É por meio do que é vivido nos espaços formativos e na própria relação com a arte em diferentes espaços que o professor se permite contagiar, que vive o testemunho da alegria e da boniteza (FREIRE, 1996).

Palavras-chave: formação docente; educação estética; escrita narrativa

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Psicologia da Arte. Rio de Janeiro: ArtMed, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2010.